

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
SARAH MALDOROR, A POESIA DA IMAGEM RESISTENTE
A CINEMATECA COM O INDIELISBOA
6 de setembro de 2021

UN SENÉGALAIS EN NORMANDIE / 1986

Um filme de Sarah Maldoror

Realização: Sarah Maldoror / Vozes: Djamila Olivesi, Annouchka de Andrade, Léopold Sédar Senghor / Cópia: Ficheiro, a cores, falado em francês, com legendas eletrônicas em português / Duração: 11 minutos / Inédito Comercialmente / Primeira Apresentação na Cinemateca.

LÉON G. DAMAS / 1994

Um filme de Sarah Maldoror

Realização: Sarah Maldoror / Argumento: Djamila Olivesi / Direção de Fotografia: Pierre Bouchacourt e Philippe Morice (enquadramentos) / Som: Jean Umansky / Montagem: Catherine Bachollet / Assistência à Realização: Djamila Olivesi, Eugénie Rezaire / Participações: Léopold Sédar Senghor, Aimé Césaire / Narração: Léon G. Damas, Mariann Matheus / Produção: Agence de la Coopération Culturelle et Technique, Ministère Français de la Coopération et du Développement, R.F.O. / Cópia: Ficheiro, a preto-e-branco, falado em francês, com legendas em inglês e legendas eletrônicas em português / Duração: 26 minutos / Inédito Comercialmente / Primeira Apresentação na Cinemateca.

EIA POUR CÉSAIRE / 2009

Um filme de Sarah Maldoror

Realização: Sarah Maldoror / Imagem: Jean-Claude Jean / Montagem: Pierre-Nicolas Durand / Produção: Jean-Claude Jean, Frédérick Robbes / Co-produção: NOVI Productions, ATV Antilles Télévision, I.N.A. / Participações: Aimé Césaire, La bergère, Joelle Jules-Rosette, Clemence Franchinard, Denis Cocody, Greg Germain, Annouchka de Andrade, Daniel Mesguich, Teatro Nacional Senegalês Daniel Sorano, Douta Seck, Sonia Camille, Pierre Alikér, Alex Haley, Maya Angelou, Carlos Moore, Léopold Sédar Senghor, Robert Badinter / Música: Max Cilla, Denise Ducart / Cópia: Ficheiro, a cores e a preto-e-branco, falado em francês e crioulo, com legendas em francês e legendas eletrônicas em português / Duração: 58 minutos / Inédito Comercialmente / Primeira Apresentação na Cinemateca.

Duração aproximada da projeção: 95 minutos.

Aviso: a cópia de **Un Sénégalais en Normandie**, proveniente do Instituto Nacional do Audiovisual em França (I.N.A.), apresenta alguns problemas de origem na reprodução da imagem.

C'étaient des poètes et c'est toujours facile de s'entendre avec des poètes. La politique contemporaine, c'est autre chose. Aujourd'hui il n'y a pas de poésie dans la politique.

Sarah Maldoror, *in* transcrição da entrevista realizada por Raquel Schefer (cortesia da própria), traduzida para português em *Angola: O Nascimento de Uma Nação – O Cinema da Independência, Volume III* (2015)

Esta sessão inscreve-se, *grosso modo*, numa espécie de “terceiro momento”, na carreira de Sarah Maldoror, que importa contextualizar. O primeiro momento, subsequente à sua formação sob a direção de Mark Donskoi, numa escola de cinema em Moscovo, consagra as colaborações com o italiano Gillo Pontecorvo para a realização da docu-ficção, controversa mas extraordinariamente significativa no âmbito de um cinema dito militante, cantando a resistência do povo argelino à ocupação francesa, **La battaglia di Algeri** (1966), e com o americano William Klein, num filme de celebração do pan-africanismo na cidade recém-libertada de Argel, **Festival Panafricain d'Argel** (1969). É embalada por estas experiências, com epicentro na Argélia e na luta do seu povo, que Maldoror se aventura no mundo da realização, onde parecia não haver lugar quer para o Terceiro Mundo, quer para as mulheres e, mais ainda, para as mulheres negras.

A negritude e o feminismo tornam-se bandeiras do seu cinema contra “o absurdo da tortura imperialista”, como o (d)escreveu num livro de homenagem à secção Quinzena dos Realizadores no Festival de Cannes (*Cinéma en Liberté: La Quinzaine des Réalisateurs à Cannes*, textos reunidos por Pierre-Henri Delau, 1993). Efetivamente, foi em Cannes que mostrou ao mundo a sua ficção sobre a luta do povo angolano contra a opressão portuguesa: **Monagambée** (1969). O segundo momento da carreira de Maldoror começa aqui, mas a internacionalização do seu nome dá-se com **Sambizanga** (1972), filme militante situado (mas não rodado) em Angola, o segundo grande centro político do seu cinema (depois, partirá para a Guiné-Bissau e Cabo Verde). Este filme, projeto de um país por nascer, foi realizado em colaboração com o marido, o poeta e fundador do MPLA Mário Pinto de Andrade e, a partir dele, Maldoror torna-se uma voz ativa e figura de proa do chamado “Terceiro Cinema”, representando a causa da libertação do povo negro das amarras do colonialismo. O terceiro e último momento, com centro em Paris, onde se fixa, trabalhando no formato do documentário televisivo, está ligado à raiz antilhana, o que se relaciona com o facto de Maldoror ser filha de pai guadalupense. O novo epicentro maldororiano vai situar-se na ilha de Martinica, região ultramarina francesa.

O “elo que falta” no grande abraço que a vida e obra de Maldoror vai dar à causa anticolonial tem um nome: Aimé Césaire, poeta e político martinicano que levou muito longe a sua visão crítica sobre a situação de subserviência a que o povo martinicano, “os negros da diáspora”, como lhe chamou, estava sujeito pela administração francesa. Césaire será o grande tema do cinema, já somente documental, de Maldoror no último período da sua vida/obra, sendo vários os filmes e entrevistas em que o seu nome é exaltado, representando uma espécie de figura tutelar de um pensamento humanista e pan-africanista. No entanto, esta gosta, antes de mais, de sublinhar a estatura intelectual e a verdadeira inspiração que constitui na sua vida a poesia e, muito importante para Maldoror, a obra dramaturgica de Césaire. Parece-me que, com exemplos como Césaire, mas também Léon G. Damas, nascido na Guiana Francesa, do seu *compagnon de route* Mário Pinto de Andrade e do poeta e estadista senegalês, amigo fraterno de Césaire, Léopold Sédar Senghor, Maldoror aprendeu a associar a revolução armada a uma política do espírito, baseada numa educação, numa arte e numa cultura conhecedoras e orgulhosas da sua raiz. Disse (citada por Yasmina Price em «Woman With a Weapon-Camera: On the work of Sarah Maldoror», *The New Inquiry*, 27 de Agosto de 2020): “Desempenho um papel cultural como cineasta. (...) [A] nossa história foi escrita por outros, não por nós. Assim sendo, quem a vai contar? Penso que nos cabe a tarefa de defender a nossa história, torná-la conhecida – com todas as nossas qualidades e defeitos, as nossas esperanças e desespero.”

O que se constitui no terceiro momento é, enfim, um manual da negritude, movimento literário verdadeiramente internacional fundado no pensamento político e na poética de Césaire, Senghor, Damas e outros autores negros. Quando, em **Léon G. Damas**, Maldoror entrevista estudantes guianenses na rua para saber que poetas estes conhecem e dão na escola, a resposta não podia ser mais elucidativa quanto ao encobrimento histórico a que parecem estar votados os maiores pensadores e escritores negros. No mesmo documentário, Senghor – Maldoror traça a passagem do “bon frère sénégalais” pela Normândia, no final da sua vida, em **Un Sénégalais en Normandie** – resume a relação de Césaire e Damas com a negritude: o primeiro criou-a, o segundo viveu-a. Se este é dos filmes mais ricos de Maldoror, do ponto de vista musical, é porque essa negritude é vivida na sua máxima expressão musical. O *blues*, o *jazz*, as “repetições que não se repetem”, como observa Senghor... a melodia de Damas, nas palavras de Césaire, “vai direta ao coração”.

O coração é Damas, a consciência é Césaire. A influência do surrealismo é reiterada em várias entrevistas dadas pelo poeta martinicano, partilhando com Senghor uma admiração profundamente sentida por Rimbaud, André Breton e Jacques Prévert. Aliás, o surrealismo, como o descreveu em entrevista à televisão («Interview Aimé Césaire», 28 de Outubro de 1990, programa produzido pela R.F.O. e disponível no *site* do I.N.A.), é um “descer em si”. Esta descida permite a Césaire escavar no seu interior mais profundo, procurando libertar um imaginário historicamente reprimido. Quanto mais “cava”, mais Césaire redescobre a sua ligação à paisagem natural da Martinica: a sua fúria é como um vulcão, mas esta é uma cólera criadora. Césaire diz-se um vulcão em erupção, irrequieto, furioso – o sorriso e a personalidade encantadora enganam, pois a sua ação política sempre foi firme e, a espaços, impetuosa (como formula noutro filme-retrato de Maldoror, muito recuperado aqui, intitulado **Aimé Césaire, Le Masque des Mots** [1987], a atitude da negritude é “ofensiva”). Diz Césaire que Senghor, ao contrário de si, é o africano sereno, em paz com a suas raízes – o desenraizamento é um dos temas centrais na poética política ou na política poética de Césaire (veja-se, nesse sentido, **Regards de Mémoire** [2003], também de Maldoror).

O entrelaçamento entre personalidades, debaixo do grande chapéu da negritude, é algo que se opera nestes filmes, sobretudo no filme de homenagem póstuma dedicada a Césaire, que integra longos extratos do primeiro filme que a cineasta rodou na Martinica na companhia do poeta, **Aimé Césaire, un Homme une Terre** (1976). Nesse filme, Césaire caracteriza a sua *ars poetica* como “pelleéana”, referindo-se ao gigantesco vulcão situado a norte da ilha, Pelée: uma grande acumulação seguida de uma grande explosão – é assim o surrealismo *à la Césaire*, isto é, orgulhosa e furiosamente tropical. Maldoror também acumula retratos, ideias e vivências, que “explodem” a dado momento, originando pequenos filmes como este documentário, singelo mas sentido no seu propósito de divulgar paisagens e ideias – ideias como paisagens – verdadeiramente inspiradoras. **Eia Pour Césaire** é, assim, uma derradeira erupção filmica para Maldoror e, ao mesmo tempo, canto fúnebre que celebra a passagem pela terra desse amigo e guia espiritual que foi Césaire ou, como gostava de lhe chamar o povo grato da Martinica, o papá Césaire. Maldoror preferia outra palavra: “mestre”. Ele era “maître à tous”, como confidenciou a Raquel Schefer na entrevista citada em epígrafe.

Luís Mendonça